

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo deste
trabalho será disponibilizado
somente a partir de
09/10/2019.

ANDRÉ VITOR BRANDÃO KFURI BORBA

**“DRAGÕES DE ESPORA E PENACHO”:
representações da identidade do brasileiro nas crônicas
futebolísticas de Nelson Rodrigues**

**ASSIS
2017**

ANDRÉ VITOR BRANDÃO KFURI BORBA

**“DRAGÕES DE ESPORA E PENACHO”:
representações da identidade do brasileiro nas crônicas
futebolísticas de Nelson Rodrigues**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

(Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Francisco Cláudio Alves Marques.

ASSIS
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

B726d Borba, André Vitor Brandão Kfuri
“Dragões de espora e penacho”: representações da identidade do brasileiro nas crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues / André Vitor Brandão Kfuri Borba. Assis, 2017.
147 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Francisco Cláudio Alves Marques.

1. Rodrigues, Nelson, 1912-1980. 2. Brasil - Questão racial. 3. Heróis. 4. Crônicas brasileiras. 5. Identidade social - Brasil. I. Título.

CDD 301.447

ANDRE VITOR BRANDÃO KFURI BORBA

“DRAGÕES DE ESPORA E PENACHO”: representações da
identidade do brasileiro nas crônicas futebolísticas de
Nelson Rodrigues

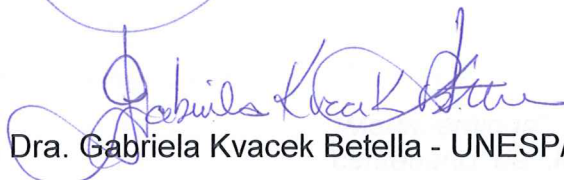
Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Data da Aprovação: 09/10/2017

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Prof. Dr. Francisco Claudio Alves Marques - UNESP/ASSIS



Membros: Profa. Dra. Gabriela Kvacek Betella - UNESP/ASSIS



Prof. Dr. Sandro de Cássio Dutra - ASSIS-SP

In memoriam

“Meus amigos”, impossível não mencionar o centenário de João Saldanha, neste ano de 2017. Num momento tão delicado de nossa história, nossos combativos heróis seriam imprescindíveis na trincheira. Obrigado pela sua luta “João Sem Medo”, hoje sentimos sua falta. Mas, “vida que segue”...

A todos nós, que ainda resistimos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram com meu crescimento, seja indicando, discordando, discutindo ou apoiando. Sem tudo isso eu seria menos.

Ao meu filho, a delicada fortaleza que me conduz.

À minha esposa, pela paciência e companheirismo.

Ao meu orientador, um resiliente apoiador das minhas viagens e que “comprou” essa ideia.

Aos meus pais.

À bateria, instrumento magnífico, por arejar minha mente.

Ao Botafogo.

Nessa ordem.

“Todos os torcedores de futebol se parecem entre si como soldadinhos de chumbo. Têm o mesmo comportamento e xingam, com a mesma exuberância e os mesmos nomes feios, o juiz, os bandeirinhas, os adversários e os jogadores do próprio time. Há, porém, um torcedor, entre tantos, entre todos, que não se parece com ninguém e que apresenta uma forte, crespa e irresistível personalidade. Ponham uma barba postiça num torcedor do Botafogo, deem-lhe óculos escuros, raspem-lhe as impressões digitais e, ainda assim, ele será inconfundível.” - Nelson Rodrigues

BORBA, André Vitor Brandão Kfuri. “**Dragões de Espora e Penacho**”: representações da identidade do brasileiro nas crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letra, Assis, 2017.

RESUMO

Nesta peleja serão analisadas trinta e três crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues publicadas no *Manchete Esportiva* e *n´O Globo*, nas décadas de 1950 e 1960, nas quais o cronista elabora um modelo de identidade para o “homem brasileiro” calcado na figura de ídolos negros cujas imagens evoluem em espaços e contextos onde as glórias são efêmeras e tudo ocorre de maneira muito transitória: o futebol e o carnaval. Tais imagens, em constante transformação e, portanto, inacabadas, constituem-se uma espécie de síntese da discussão em torno da indefinida questão racial brasileira. Ao construir uma imagem do negro transmudado em herói, autor de “feitos coletivos”, e por isso mesmo de fácil aceitação popular, o cronista compartilha estrategicamente com o leitor o mesmo “horizonte de expectativas” circunscrito numa época em que o mito da democracia racial de Gilberto Freyre começava a ser questionado. No plano literário, a exaltação do craque negro ajuda a desinstalar do imaginário coletivo o estigma que foi se formando em torno do mulato e do mestiço nas décadas anteriores, preparando, desse modo, sua “aceitação”, promovendo sua “apoteótica” ascensão social e viabilizando sua afirmação moral no imenso e indefinido amálgama de etnias e culturas que compõem o Brasil.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. Questão Racial. Heróis. Crônicas brasileiras. Identidade social.

BORBA, André Vitor Brandão Kfuri. “**Dragons wearing spurs and plumes**”: portraits of the Brazilian identity in Nelson Rodrigues soccer chronicles. 2017. 133 p. Dissertation (Masters in Languages). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2017.

ABSTRACT

Throughout this journey, thirty three soccer chronicles by Nelson Rodrigues, which were published between the 1950s and 1960s in *Manchete Esportiva* and in *O Globo* will be analysed. In these papers, the writer elaborates an identity model for the Brazilian men, based on the the black idols' figures whose images wander in areas and contexts where the glories are transient and everything happens in a very transitional way: soccer and carnival. Such images, in a continuous change, and therefore, unfinished, represent a brief summary of the still indefinite Brazilian racial issue. When the author builds up an image of a black man, transmuted into a hero and able of collective achievements, this black man becomes easily accepted, and the writer strategically shares with his readers the same enclosed expectations of a time where the conceptual racial democracy defended by Gilberto Freyre started to be questioned. In literature, the exaltation of a black soccer star helps to remove the social stigma built around mulattos and mestizos in previous decades from the collective imaginary, preparing his acceptance, promoting his meteoric upward mobility, and facilitating his morale statement, in this huge ethnic and cultural featureless Brazil.

Key words: Nelson Rodrigues. Racial Issues. Heroes. Brazilian Chronicles. Social Identity.

BORBA, André Vitor Brandão Kfuri. “**Draghi con speroni e pennacchi**”: rappresentazioni dell’identità del brasiliano nelle cronache calcistiche di Nelson Rodrigues. 2017. 133 f. Dissertazione (Master in Lettere) Università Statale Paulista (UNESP), Facoltà di Scienze e Lettere, Assis, 2017.

RIASSUNTO

In questa dissertazione saranno analizzate trentatré cronache calcistiche di Nelson Rodrigues pubblicate su *Manchete Esportiva* e su *O Globo* tra gli anni '50 e '60 in cui si suggerisce un modello d’identità all “uomo brasiliano” fondato sulle figure di idoli neri del calcio le cui immagini sono sviluppate in luoghi e contesti in cui le glorie sono effimeri e tutto succede transitoriamente: il calcio e il Carnevale. Queste immagini, in continua evoluzione e quindi incompiute, costituiscono una sorta di sintesi dell’ indefinita discussione sul problema razziale brasiliano. Quando Nelson costruisce l'immagine del nero trasformato in eroe, protagonista di "eventi collettivi", e quindi di facile accettazione popolare, condivide strategicamente con il lettore lo stesso "orizzonte d’attesa", relativo all’epoca in cui il mito della democrazia razziale di Gilberto Freyre cominciava ad essere messo in discussione. Nella finzione, l'esaltazione della figura del nero aiuta a disinstallare dello immaginario collettivo lo stigma che si stava formando attorno alla figura del mulatto e del meticcio nei decenni precedenti, preparando così la loro "accettazione", promuovendo la loro “apoteotica” mobilità sociale e consentendo la loro affermazione morale nell'amalgama immenso e indefinito di etnie e culture che compongono il Brasile.

Parole Chiave: Nelson Rodrigues. Problema razziale. Eroi. Cronache brasiliane. Identità sociale.

BORBA, André Vitor Brandão Kfuri. “**Dragones de espuela y penacho**”: representaciones de la identidad del brasileño en las crónicas futbolísticas de Nelson Rodrigues. 2017. 133 p. Tesis de Maestría. (Maestría académica en letras). Universidad Estadual Paulista (UNESP). Facultad de Ciencias y Letras. Assis. 2017.

RESUMEN

En este debate serán analizadas treinta y tres crónicas futbolísticas de Nelson Rodrigues publicadas en la revista *Manchete Esportiva* y en *O Globo* en las décadas de 1950 y 1960, en las cuales el cronista elabora un modelo de identidad para el “hombre brasileño” diseñado sobre la figura de ídolos negros, cuyas imágenes se desarrollan en espacios y contextos donde las glorias son efímeras y todo pasa de manera transitoria: el fútbol y el carnaval. En estas imágenes en constante transformación y, por lo tanto, inacabadas, se constituye una especie de síntesis de la discusión en torno a la indefinida cuestión racial brasileña. Al construir una imagen del negro transformado en héroe, autor de “hechos colectivos”, y por eso mismo, de fácil aceptación popular, el cronista comparte estratégicamente con el lector el mismo “horizonte de expectativas”, circunscripto en una época en que el mito de la democracia racial de Gilberto Freyre comenzaba a ser cuestionado. En el plano literario, la exaltación del crack negro ayuda a retirar del imaginario colectivo el estigma que se fue formando sobre el mulato y el mestizo en las décadas anteriores, preparando de esta forma su “aceptación”, promoviendo su “apoteótico” ascenso social y canalizando su afirmación moral en la inmensa e indefinida mezcla de etnias y culturas que componen el Brasil.

Palabras Claves: Nelson Rodrigues. Cuestión Racial. Héroes. Crónicas brasileñas. Identidad social.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT.....	8
RIASSUNTO.....	9
RESUMEN	10
FORMAÇÃO INICIAL E ESQUEMA TÁTICO.....	12
Formação inicial:	12
Esquema tático:.....	13
INTRODUÇÃO.....	13
AQUECENDO ANTES DE A BOLA ROLAR.....	27
I. Marcus Rashford	27
II. Gabriel Jesus.....	28
1 “Um Ataque Matador”: Futebol, Crônica e Nelson Rodrigues.....	30
1.1 <i>Pré-temporada I: (Um amistoso) – O futebol no imaginário brasileiro</i>	30
1.2 <i>Pré-Temporada II – a Crônica: Gênero Menor ?</i>	41
1.3 <i>Pré-Temporada III – Nelson Rodrigues: “nem santo nem canalha”</i>	44
2 A Ascensão Social e Moral do Negro.....	54
2.1 <i>– Primeiro tempo I (Pontapé inicial) - A derrota</i>	54
2.2 <i>– Primeiro tempo II - O Maracanazo e o debate sobre a democracia racial...</i>	55
2.3 <i>– Primeiro tempo III - A vitória na Suécia e a apoteose do brasileiro</i>	60
3 O Drible e o Herói Brasileiro	66
3.1 <i>Segundo tempo I – Um futebol de poesia, o drible e o gol: a afirmação do herói brasileiro e seus grandes feitos</i>	66
3.2 <i>– Segundo tempo II - A apoteose do craque brasileiro: o drible e a carnavalização fugaz</i>	76
3.3 <i>Segundo tempo III – Nelson Rodrigues ensaísta: representações da identidade brasileira a partir das crônicas de futebol</i>	87
PRORROGAÇÃO E PÊNALTIS - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
PÓS-JOGO - EPÍLOGO	101
Carnaval na lua da cidade	101
FICHA TÉCNICA DO JOGO – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
SÚMULA DA PARTIDA – ANEXOS.....	112

FORMAÇÃO INICIAL E ESQUEMA TÁTICO

Formação inicial:

Serão analisadas trinta e três crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues¹ publicadas entre 1955 e 1970, nos jornais *Manchete Esportiva* e *O Globo*, com vistas a refletir e responder as questões levantadas no corpo deste trabalho. O esquema é um tradicional 4-3-3 e as crônicas são:



¹ As crônicas: 5. A realeza de Pelé; 7. Complexo de vira-latas; 11. É chato ser brasileiro; 20. Os que negam Garrincha; 28. O entendido, salvo pelo ridículo; 29. O mais belo futebol da Terra; podem ser encontradas no **Anexo I**.

Esquema tático:

No primeiro capítulo pretende-se estabelecer um panorama sobre três aspectos que constituem o alicerce deste trabalho: futebol, crônica e o autor proposto, buscando o gol pelos flancos com esse ataque matador. A apresentação de algumas representações do futebol na cultura brasileira, e também mundial, demonstra a importância do futebol como fenômeno cultural. Em seguida, alguns aspectos sobre a crônica são analisados e sua importância no caso brasileiro torna-se visível. E, ainda, a presença de Nelson Rodrigues em todo esse contexto e sua contribuição por meio das crônicas são debatidas. No segundo capítulo a peleja segue e a proposta é discutir a questão racial no Brasil, principalmente após o fracasso da Seleção brasileira na Copa de 50. Com isso, será narrada a trajetória desde esse fracasso até o primeiro sucesso brasileiro, no campo do futebol, na Copa de 58, com a presença das discussões acerca dos complexos e traumas brasileiros, notadamente no que diz respeito à democracia racial com a exaltação da figura do negro por Nelson Rodrigues. No terceiro capítulo, mantendo as triangulações envolventes e o esquema altamente ofensivo, o objetivo é apresentar a maneira pela qual se deu a afirmação do craque brasileiro: de fracassado a bem sucedido. Nesse sentido, serão analisadas algumas questões inerentes a essas construções como a presença e a importância do drible para a cultura brasileira, a carnavalização advinda das vitórias e desse drible, e as tentativas de se estabelecer uma identidade para o homem brasileiro, tudo a partir das crônicas de futebol de Nelson Rodrigues. Lembrando sempre que o objetivo é o gol mas, sobretudo, o drible desconcertante.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Na passagem do século XIX para o século XX, a população mestiça brasileira era vista por suas elites como suscetível, propensa ao ócio e acometida por um forte complexo de inferioridade, enquanto o que se tinha em mente era alcançar o progresso e a civilização por meio do *branqueamento* da população. *A priori*, tais qualificativos negativos teriam sido usados com vistas a desvalorizar o elemento nacional em um momento marcado pela entrada maciça de imigrantes europeus no país. Nas primeiras décadas do século XX, cientistas e intelectuais, preocupados em construir uma imagem que melhor definisse o brasileiro, acabaram por elaborar representações que ajudariam a cristalizar uma imagem instituidora do brasileiro enquanto desqualificado, indolente, avesso ao progresso e à civilização, que permaneceu como uma pecha ou mito, o que acabou se generalizando e abrangendo, de certa forma, o povo brasileiro. (NAXARA, 1998, p. 19)

Irrefutavelmente, tais construções deixaram marcas profundas na psicologia coletiva brasileira passando a determinar o próprio modo como o nacional se auto definia e se colocava diante do estrangeiro, o que explica, pelo menos em parte, o latente complexo de inferioridade do brasileiro ainda muito discutido na década de 1950, e redimensionado por Nelson Rodrigues na expressão “complexo de vira-latas”, assim definido: “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol.” (RODRIGUES, 1993, p. 51).

Nos primeiros decênios da República, a imagem do brasileiro, fortemente atrelada à figura do caboclo e do mestiço, era representada de forma negativa até mesmo no âmbito da literatura popular em versos. No folheto de cordel *As cousas mudadas*, escrito entre 1910/1912, o poeta Leandro Gomes de Barros esboça uma caricatura do caboclo que, por comodismo ou exclusão social, fica em casa cuidando das panelas, à margem do ideal cosmopolita proposto pelos idealizadores da República: “Chega-se nesses sertões/ N’uma choupana daquela;/ Vê-se o barbado de cócoras/ Alcovitando as panelas;/ Um feixe de lenha junto,/ Atiçando fogo nelas.” (BARROS, s. d., p. 5-6).

Embora no início do século XX essa imagem obscura viesse sendo discursivamente construída em torno do nacional, uma das representações que mais influenciaram na cristalização de uma definição negativa do brasileiro foi, sem

dúvida, a do Jeca Tatu. A fisionomia acabrunhada, a imobilidade e o conformismo do sertanejo, em Leandro Gomes de Barros, antecipam, em muitos aspectos, a representação negativa do caboclo e, por extensão, do brasileiro, condensada na figura do Jeca Tatu. Em 1914 o jornal *O Estado de S. Paulo* publica dois artigos de Monteiro Lobato, “Velha Praga” e “Urupês”, nos quais o caboclo figura como um ser sombrio, parasita da sociedade, impermeável ao progresso e à civilização:

O caboclo é uma quantidade negativa. Tala cinquenta alqueires de terra para extrair deles o com que passar fome e frio durante o ano. Calcula as sementeiras pelo máximo da sua resistência às privações. Nem mais, nem menos. “Dando para passar fome”, sem virem a morrer disso, ele, a mulher e o cachorro – está tudo bem; assim fez o pai, o avô; assim fará a prole empanzinada que naquele momento brinca nua no terreiro. (LOBATO, 1955, p. 275-276).

Entre as décadas de 1920/1940, os modernistas retomam a discussão e o complexo de inferioridade do brasileiro passa a ser matéria literária numa época em que o pensamento brasileiro estava às voltas com a busca pela identidade nacional em contraposição ao estrangeiro e à ameaça que representava a entrada de grandes quantidades de povos considerados superiores – racial ou culturalmente – para um povo ainda em formação, imaturo, como era representado, na época, o brasileiro. Em uma crônica intitulada “Por que sou Jeca Tatu”, do escritor modernista Menotti del Picchia, publicada no *Correio Paulistano* em 1920, a associação do nacional com a figura do Jeca Tatu é reforçada nos seguintes termos:

Nasci sob um clima esplêndido. Só conheço a neve e o outono nos versos dos poetas da Avenida Central, que tomam sorvetes no Alvear, e dos de S. Paulo, que bebem refrescos com canudinhos de taquara. [...] Quando quero passar bem, do meu piquete dou uns tiros nas pombas-rolas ou nos nambus que vêm beber água no cocho. Se meu paladar exige caça, armo mundéus e tenho pacas e coelhos... Mal atiro a semente na roça, o milho grela; o feijão dá como cará. [...] Não preciso, pois, matar-me inutilmente no eito. [...] Por enquanto faço as três cousas que me ensinou Raimundo Correia: pito, durmo e toco viola. O resto fica para depois... (DEL PICCHIA, 1920, p. 3).

No auge das discussões sobre a questão racial brasileira, Menotti del Picchia afirma em uma crônica de 1920, intitulada “Da Estética. Seremos Plagiários?”, ser um falso nacionalismo o que reivindica para o indígena a representação etnológica do fundo racial brasileiro para em seguida, reivindicar o reconhecimento do imigrante europeu na definição do brasileiro, no fortalecimento da “raça”:

O espírito industrial moderno, a nova raça forte, oriunda do cruzamento das raças singenéticas em fermentação no xadrez etnográfico da nossa nacionalidade, absorvem esses tíbios resquícios de uma minoria agonizante. Morreu Peri. Morre Jeca Tatu. Surge, afinal, o tipo definitivo do brasileiro vencedor. (DEL PICCHIA, 1920, p. 1).

Para Del Picchia, o tipo nacional só se definiria depois de cruzar-se com as “raças singenéticas” tidas como étnica e culturalmente superiores. Esse novo “Eneas da Roma americana” seria “um ser poligenético, múltiplo, forte, vivo, culto, inteligente, audaz, fruto de muitas raças em combate, resultante de muitos sangues e adaptado, pela força das leis mesológicas, no meio em que surge, temperado pelo clima, plasmado pela força da fatalidade histórica” (DEL PICCHIA, 1920, p. 1). O exemplo de Del Picchia, embora exíguo, é uma clara demonstração de que os parâmetros raça e meio fundamentam o solo epistemológico dos intelectuais brasileiros de fins do século XIX e início do século XX. O sentimento de inferioridade do brasileiro incomodava também outros intelectuais, como Ant3nio de Alcântara Machado que, pelo menos em duas de suas crônicas, publicadas em *Cavaquinho e Saxofone*, trata do assunto em tom de desabafo e ironia. Em “Relações Exteriores”, de 1929, o escritor modernista diz:

O brasileiro tem a suscetibilidade aguda de uma menina de quinze anos. Qualquer cousinha o fere. Por qualquer motivo fica de burro e fecha-se no quarto batendo a porta engolindo soluços. Suscetibilidade de povo adolescente. Falta de traquejo internacional. Caipirismo. Em tudo enxerga uma afronta. Vive desconfiado. De ouvidos bem atentos que é para saber se estão falando mal dele. Depois vaidoso como ele só. Mendiga o elogio estrangeiro (como se dele precisasse para viver). Dá um passo e olha logo para a Europa para ver se a Europa aplaude. Que nem artista de café-concerto. (MACHADO, 1940, p. 68).

Ainda na mesma crônica, A. A. Machado esboça a imagem de um Brasil ainda em formação, entre primitivo e paradisíaco, mas procurando valorizá-lo em relação à Europa, continente às voltas com o “peso morto do passado”:

Entre nós se caçoa muito dos brasileiros que descobrem o Brasil na Europa. [...] Só lá fora mesmo é que se pode fazer uma ideia justa do colosso que isto é. Vendo aqueles homens esgotados. Aquelas campos chupados. Aquelas tradições asfixiantes. Os milhões de vagabundos à força. Aquele desânimo. O cerebralismo doentio dos mentores. A tremenda revolta dos dirigidos. A luta carniceira pela vida. A indecisão do presente. O receio do amanhã. E a fome. O desespero. A esterilidade. Então a gente se lembra de que deixou um país onde tudo está por fazer. E avalia bem a felicidade que isso representa. País virgem à espera de fecundação. Sem o peso morto

do passado. Até sem presente. Vivendo todo para o futuro. País delicioso pelas suas possibilidades ignoradas. País delicioso pelos seus defeitos visíveis. Tão forte e tão pitoresco. Tão grande e tão ingênuo. Tão bonito e tão engraçado. País pixote. Pixote prodígio. De pés no chão e fura-bolos no nariz. (MACHADO, 1940, p. 75).

Para A. A. Machado, embora o brasileiro fosse “um pouco palerma”, “encalistrado”, “macambúzio”, precisava se “desembaraçar”, “virar esperto”, “não se deixar roubar no joguinho de parede”, sugerindo, para tanto, uma identidade para o brasileiro entre o malandro e o anárquico, de modo que, para afirmar-se frente o estrangeiro, o nacional precisava transgredir aquelas normas e modelos de conduta que lhe foram historicamente impostos: “E principalmente quebrar as janelas dos vizinhos com pedra. Todos os dias. E também aprender a vaiar. Bem forte. Com dois dedos na boca. Fazer fiau ao resto do mundo”. (MACHADO, 1940, p. 75) A obsessão de uma afirmação do nacional em relação ao estrangeiro se repete ainda em “Guaranis viajados”, quando A. A. Machado, movido por um declarado sentimento de insatisfação com a imigração, toma como matéria a “caipirice” do brasileiro e sua obsessão em imitar a moda e modelos de sociabilidades tipicamente europeus:

O brasileiro dá um pulo até a Europa e volta botocudo como foi. Reforma o guarda-roupa mas não reforma as ideias. Seu espírito fivela de crítica e observação faz com que ele se assombre justamente diante daquilo que a Europa tem de horrível e insuportável: o peso de suas tradições milenárias. [...] Ao invés de vaiar, gozando a sua superioridade, aplaude tamanha inferioridade, invejando-a. (MACHADO, 1940, p. 141-142).

As citações acima reúnem uma série de questões que vinham sendo objeto de discussão entre os intelectuais brasileiros, desde a primeira geração de modernistas até os nossos dias. A mais densa dessas discussões esteve sempre centrada na questão da formação do caráter nacional, na busca por uma identidade do brasileiro, na valorização do elemento nacional. Vale ressaltar que as crônicas de A. A. Machado, diferentemente das de Del Picchia, não fazem menção aos termos cor e raça.

Por volta dos anos 20 e 30 o esforço de transformar o Brasil numa sociedade branca europeia tinha fracassado – os imigrantes começavam a incomodar as elites brasileiras porque importavam para o Brasil as doutrinas estrangeiras do anarquismo e socialismo e um estilo novo e mais militante de organização trabalhista. Como consequência desse desencanto, questões relacionadas com o desenvolvimento

futuro do país e do caráter racial de sua identidade nacional são retomadas. Nesse cenário destaca-se a figura do sociólogo Gilberto Freyre que, em contraposição à ideia de europeização do Brasil, sugere a aceitação da ideia de que o Brasil estaria destinado a se sobressair no cenário mundial como um “novo mundo nos trópicos”. Tais ideias, presentes, sobretudo em *Casa Grande e senzala*, *Sobrados e mucambos*, elaboram uma imagem do Brasil despontando como um experimento exclusivamente americano no qual europeus, índios e africanos se mesclariam para compor uma sociedade genuinamente multirracial e multicultural. Freyre entendia o Brasil como uma democracia racial: “uma das uniões mais harmoniosas da cultura com a natureza e de uma cultura com a outra que as terras deste hemisfério já conheceu”. (FREYRE, 1998, p. xii) Na acepção de Freyre, tal democracia racial era simbolizada e corporificada pelos mulatos racialmente mistos sendo este o elemento mais marcadamente brasileiro da sociedade nacional. Com isso, o sociólogo colocava em xeque as alegações dos racistas científicos para quem “o mulato é incapaz de alcançar uma estabilidade como um igual social e intelectual do homem branco” (ANDREWS, 1997). Nas suas alegações, argumentava:

[...] no senso de corresponder mais intimamente ao meio brasileiro e de uma adaptação mais fácil e possivelmente mais profunda aos seus interesses, aos seus gostos, às suas necessidades, o mestiço, o mulato ou, para colocar de uma maneira mais delicada, a pessoa de cútis escura, pareceria exibir maior capacidade de liderança que o branco ou o quase branco. (FREYRE, 1990, p. 416).

Após destacar a capacidade de liderança do mestiço e do mulato, Freyre conclui: “o Brasil está se tornando mais e mais uma democracia racial, caracterizada por uma combinação quase singular de diversidade e unidade”. (FREYRE, 1990, p. 431) Embora as teorias de Freyre tenham se tornado a base de uma nova ideologia sobre a questão racial e cultural brasileira, o fato é que a partir da década de 1950, contexto das nossas crônicas futebolísticas, a ideia de um Brasil como uma democracia racial começa a ser questionada. De acordo com George Reid Andrews, professor de História na Universidade de Pittsburg (EUA), a democracia racial brasileira só começou a ser questionada por escritores e pesquisadores a partir do momento em que eventos e influências internacionais começaram a exercer pressão sobre o Brasil, de fora de suas fronteiras. (ANDREWS, 1997) O primeiro desses eventos incluía uma série de projetos de pesquisa que colocava em foco as relações raciais brasileiras, realizada por intelectuais brasileiros, norte-americanos e

franceses no início dos anos 50, com o apoio da recém-criada Unesco. Os recentes horrores do nazismo e do holocausto motivam a Unesco a adotar, como parte de sua missão institucional, o combate ao racismo em escala internacional e, nesse cenário, a democracia racial brasileira apresentava-se como uma alternativa no sentido de se compreender como o igualitarismo racial havia ocorrido no Brasil e como funcionava na prática. A Divisão de Ciências Sociais da Unesco empreende uma série de pesquisas em algumas cidades do Sudeste industrializado – São Paulo e Rio de Janeiro – e em várias cidades mineiras, bem como na Bahia e em Pernambuco.

Quanto aos resultados da pesquisa, George Reid Andrews (1997) observa que “[...] não foram os esperados. Todas as equipes constataram elevados níveis de desigualdade entre as populações branca e não-branca, além de fortes evidências de atitudes e estereótipos racistas”. As equipes que se dirigiram ao Nordeste puderam constatar que tais desigualdades expressavam mais as diferenças de classe que as diferenças raciais, de modo que os negros sofriam discriminação mais pelo fato de serem pobres; contrariamente, as equipes destinadas às cidades do Sudeste, sobretudo do Rio e São Paulo, concluíram que as desigualdades decorriam do preconceito e da discriminação baseados na raça, apontando as diferenças no tratamento de acordo com os brancos e negros da classe trabalhadora e as enormes dificuldades enfrentadas por negros e mulatos cultos e qualificados que lutavam para ascender à classe média. (ANDREWS, 1997).

O segundo evento ocorre na mesma época dos projetos da Unesco, 1950, e girou em torno do episódio em que a dançarina afro-americana Katherine Dunham teve sua admissão recusada no Hotel Esplanada de São Paulo, onde ela tinha feito reservas durante a excursão com sua Companhia no Brasil. As denúncias da dançarina, somadas ao fato de ela ser americana e artista renomada, geraram uma repercussão sem precedentes que culminou com a aprovação, pelo Congresso, no ano seguinte, do primeiro estatuto contra a discriminação no Brasil, a Lei Afonso Arinos, de 1951 que incluía entre as convenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça e cor da pele. (ANDREWS, 1997).

Quase quatro décadas depois de Del Picchia e de A. A. Machado, discussões em torno da questão racial brasileira ainda incitavam intelectuais como Nelson Rodrigues, cujos escritos, selecionados para a nossa pesquisa, publicados no *Manchete Esportiva* e *n’O Globo*, entre 1955 e 1970, esboçavam preocupações

semelhantes às de A. A. Machado, porém em novas linguagens e contextos. Como A. A. Machado, Nelson Rodrigues acreditava também que as potencialidades brasileiras eram ignoradas pelas elites e, sobretudo, pelos “entendidos”, estes, intelectuais da imprensa recorrentemente criticados pelo cronista/dramaturgo. Tais jornalistas continuavam endossando a opinião daqueles que pregavam a inferioridade racial e moral do brasileiro. Segundo Nelson Rodrigues, essa postura fazia também dos jornalistas esportivos um retrato vivo do próprio “homem brasileiro”, sempre tomado por uma incontrolável tendência à autonegação². Ainda segundo Nelson, o brasileiro sentia um forte ufanismo às avessas, sentimento que teria sido reforçado com o fracasso da copa de 1950: “O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos: - somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.” (RODRIGUES, 1993, p. 30).

Apesar das inúmeras divergências sobre o Brasil ser ou não ser uma democracia racial nas décadas de 50 e 60, parte das ideias desenvolvidas por Gilberto Freyre sobre a questão racial continuaria sendo endossada por intelectuais como Nelson Rodrigues, que conduz a discussão para um campo específico: o futebol, espaço que representava uma possibilidade de ascensão social e afirmação moral para mestiços e mulatos; onde podiam demonstrar suas habilidades, força e capacidade de liderança. O mais interessante é que, em suas crônicas, como tinha feito A. A. Machado, persiste ainda aquela obsessão de uma definição da identidade do brasileiro em relação ao estrangeiro. Seria o caso de perguntarmos aqui sobre o porquê desta insistência em buscarmos, ainda nas décadas de 50 e 60, uma identidade que se contraponha ao estrangeiro.

O que se observa nas crônicas futebolísticas de Nelson, em que a figura do craque negro é elevada à categoria de herói nacional, é uma tentativa de dar continuidade às ideias de Freyre, transformando a negatividade do mestiço e do mulato em positividade, permitindo redesenhar os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo esboçada. Em suas crônicas Nelson reelabora uma ideologia da mestiçagem que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, contribuindo para que tal ideologia pudesse se difundir socialmente e se tornasse senso comum, ritualmente celebrada nas relações do cotidiano das quais o futebol é

² Manchete Esportiva, 9.2.1957.

parte importante no cenário brasileiro. Ao fazê-lo, propõe a ascensão social do negro, integrando-o definitivamente, pelo menos no plano das crônicas, à imensa colcha de retalhos étnica da identidade nacional.

Pretendemos inserir as crônicas de futebol selecionadas para esta pesquisa no âmbito das discussões sobre a representação do brasileiro, em constante formação e transformação, e da questão racial vigente à época de Nelson Rodrigues; no âmbito das discussões suscitadas pelos eventos que marcaram o recomeço do debate sobre o Brasil ser uma democracia racial no início da década de 1950. Na nossa análise não podemos ignorar o fato de que os anos 50 registraram, no plano político, um forte sentimento nacionalista e a consolidação de uma política populista e, no plano econômico, projetos de modernização para o Brasil. As crônicas de Nelson não ficam à margem desses acontecimentos, apresentando-se também como um espaço em que questionamentos sobre a real capacidade do povo brasileiro na viabilização de tais projetos são recorrentes.

No espaço da crônica rodrigueana, o craque de “cor” e de baixa extração social, ao driblar as dificuldades individuais e coletivas e conseguir galgar parte das barreiras impostas pela sociedade, consegue se sobressair com a maestria dos heróis consagrados, ora pela História, ora pela literatura erudita, ora pela cultura popular, projetando-se, desse modo, como um modelo a ser considerado na definição da identidade do homem brasileiro. Quando Nelson escreve suas crônicas o futebol já havia se integrado à vida e à cultura do povo brasileiro, passando a ser visto como um elemento definidor de brasilidade, algo que se projetava como síntese da alma e do “jeito de ser” do brasileiro. Enquanto retrata as partidas de futebol por meio da crônica, Nelson redimensiona a repercussão dos fatos que se lhe apresentam como matéria-prima, recurso estilístico que passa a auxiliá-lo em questões recorrentes, como as definições e análises do homem brasileiro e de suas características pessoais.

Para Nelson (apud ANTUNES, 2004, p. 215), o universo do futebol se oferecia como palco ao desfile dos dilemas, dramas e frustrações do ‘homem brasileiro, cabendo ao cronista colocar-se diante dele, observar sua dinâmica, seus movimentos, e eternizá-los sob a forma de literatura. Na verdade, o cronista concebia o futebol como um espetáculo revelador dos dramas coletivos ao afirmar que durante uma partida, “a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que

procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão” e que até mesmo uma simples pelada “é de uma complexidade shakespeariana”³.

Embora as teorias sobre a democracia racial, com as quais Nelson dialoga, previssem uma efetiva colaboração do mestiço e do mulato na definição da identidade brasileira, no universo da crônica rodrigueana essa inserção do negro passa por uma reelaboração de sua imagem que não raro extrapola os limites da realidade. O fato é que a exaltação da força e do caráter aguerrido do negro está totalmente desvinculada de suas origens africanas. Em nenhum momento sua agilidade é dada como uma herança cultural associada às figuras de orixás como Ogum e Xangô, por exemplo. Em Nelson, a criatividade e a invencibilidade dos heróis negros do futebol remetem ao *bogatyř* primordial, aos heróis do romanceiro e do anedotário popular, cujas proezas e invulnerabilidade tangenciam o sobrenatural. Na verdade Nelson atualiza arquétipos do mito heroico instalados no inconsciente coletivo com os quais o leitor imediatamente se identifica, ajudando a desconstruir, estrategicamente, o discurso de desvalorização do elemento negro.

Nas crônicas, a figura do jogador negro aparece desassociada também da dos anti-heróis da literatura popular. Basta citarmos o caso do craque Jaguaré citado na crônica “Bocage no futebol”, de 1956. Na década de 40 o ídolo deixou o futebol brasileiro e foi jogar na Europa, no entanto, seu espírito brincalhão e suas travessuras durante as partidas parecem não ter agradado os europeus, que o dispensaram sem muitos recursos para retomar a vida no Brasil. Depois de tê-lo comparado ao Bocage do anedotário brasileiro, pelos palavrões que proferia em campo, Nelson relata que ele morreu na miséria, “Mas feliz, porque pôde soltar, no idioma próprio, seus últimos palavrões terrenos” (RODRIGUES, 1992, p. 18) e, como tantos outros heróis ladinos da cultura popular, recusando-se a reentrar na ordem.

Outras vezes a insistência em atribuir dribles e vitórias fenomenais às pernas tortas de Garrincha acaba quase por identificar no craque aquelas habilidades típicas dos antigos gnomos camponeses, bizarras criaturas carnavalescas descendentes dos demônios da fertilidade agrária. Em outros momentos, o herói negro de Nelson avizinha-se, por sua atuação e função social, do *trickster* ancestral e de sua versão moderna, o Malasartes brasileiro, herói ladino que quase sempre tira proveito da desvantagem, subvertendo a ordem. Sobre a partida Brasil 2 x 0

³ Manchete Esportiva, 24.8.1957.

União Soviética, de 15/6/1958, em que a URSS era apontada como um adversário forte na Copa por seu “futebol científico”, Nelson Rodrigues (1993, p. 53) relata que “a desintegração da defesa russa começou exatamente na primeira vez em que Garrincha tocou na bola. Eu imagino o espanto imenso dos russos diante desse garoto de pernas tortas, que vinha subverter todas as concepções do futebol europeu”.

Assim é narrada a atuação de Garrincha na partida Brasil 4 x Chile 2, de 13/6/1962: “E o Mané, com suas pernas tortas e fulgurantes, com o seu olho rútilo e também torto, pôs os Andes de gatinhas, ou de cócoras, sei lá” (RODRIGUES, 1993, p. 89). Na mesma crônica, para se referir à invencibilidade de Garrincha e à derrota do adversário estrangeiro, Nelson elabora metáforas dionisíacas e antropofágicas que remetem ao carnaval, a Rabelais e a *Macunaíma*: “No segundo gol, Mané deu uns dez salames dionisíacos. Comeu com aquele apetite imortal toda a defesa inimiga. E comeu o juiz e comeu o bandeirinha”.

Segundo E. M. Meletínski, o caráter obstinado e furioso, que é parte integrante da imagem arquetípica do herói, ajudam a modelar, até certo ponto, a conseqüente emancipação de sua personalidade, expressa naturalmente um aspecto dela, no entanto, sua trans ou superpersonalidade se sobressai como um fator dominante e seus feitos “coletivos” são tão imediatos que não há vestígio de “obrigação” ou de “reflexão” (MELETÍNSKI, 2002, p.67), como nesta versão moderna do herói negro Garrincha:

[...] _ chamavam este homem de retardado! Só agora começamos a fazer-lhe justiça e a perceber a sua superioridade. Comparem o homem normal, tão lerdo, quase bovino nos seus reflexos, com a instantaneidade triunfal de Garrincha. Todos nós dependemos do raciocínio. [...] Ao passo que Garrincha nunca precisou pensar. Ele não pensa. (RODRIGUES, 1993, p. 63).

Quanto aos feitos “coletivos” do herói arquetípico, eles encerram, na verdade, a ideia de que a superpersonalidade do herói atua como encarnação da autodefesa coletiva. Embora os “feitos” do herói sejam com frequência entendidos como fazendo parte do plano de sua biografia, como sua “consagração” (MELETÍNSKI, 2002, 56) num plano mais geral eles parecem atender aos anseios de sua coletividade, passando a ser também os “feitos” desta. O escrete brasileiro é o Brasil, diz Nelson, e as vitórias do futebol brasileiro representam também uma vitória

da nação como um todo. O milésimo gol de Pelé foi, para Nelson, o “gol” de toda a nação brasileira:

De repente, como patrícios do guerreiro, cada um de nós sentiu-se um pouco co-autor do feito. Pelé voou, arremessou-se dentro do gol. Agarrou e beijou a bola. E chorava, o divino crioulo. Cem mil pessoas, de pé, aplaudiam como na ópera. [...] Naquele momento éramos todos brasileiros como nunca, apaixonadamente brasileiros (RODRIGUES, 1993, p. 159-160).

Na crônica “O Belo Milagre das Vaias” em que se narra o episódio da partida da seleção brasileira para a Copa do México, em 1970, o cronista, atualiza, em parte, a arquetípica condição do “enjeitado” presente no mito heroico. Depois de ter sido vaiada pelos brasileiros e criticada pela imprensa, a seleção parte desacreditada, diz Nelson Rodrigues (1993, p. 167):

Graças a Deus o escrete parte. O que nem todos percebem é que o time nacional leva um maravilhoso trunfo. No México, ele se sentirá muito menos estrangeiro do que aqui. E estará protegido pela distância. [...] Se me perguntarem o que deverá fazer a seleção para ganhar a Copa, direi, singelamente: - “Não nos ler”. Sei que as nossas crônicas vão aparecer, por lá, como abutres impressos.

Apesar do descrédito, a seleção vai vencendo, gradativamente, todas as partidas no México, como o herói “baixo”, o herói “do qual não se espera nada” que, desapercivelmente e aos poucos vai revelando sua essência heroica e triunfa sobre seus inimigos e rivais. A situação inicial desvantajosa do herói, o escrete brasileiro desacreditado, recebe em Nelson, como no mito heroico, um matiz social, no entanto, o rebaixamento social é dominado pela elevação do *status* social após as provações: de vaiados a tricampeões. No dia 22/06/1970, Nelson introduz e conclui a crônica “Dragões de Espora e Penacho” glorificando o apoteótico tricampeonato:

Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso. Vocês se lembram do que nossos “entendidos” diziam dos craques europeus. Ao passo que nós éramos quase uns pernas-de-pau, quase uns cabeças-de-bagre. Se Napoleão tivesse sofrido as vaias que flagelaram o escrete, não ganharia nem batalhas de soldadinhos de chumbo. (RODRIGUES, 1993, p. 191).

Como no mito heroico, em Nelson o arquétipo do herói atualizado na figura dos craques negros brasileiros apresenta-se também engenhosamente ligado ao do anti-herói, o qual se une ao herói numa única pessoa. Na grande maioria das crônicas selecionadas, o cronista introduz com maestria, na argamassa com que

vem construindo seus heróis, medidas do herói épico, do mítico e do fabuloso, sem deixar de adicionar, no acabamento de suas monumentais figuras, uma dosagem daquilo que todo o brasileiro tem de Malasartes e Macunaíma, os anti-heróis “sem nenhum caráter” da cultura nacional. Aliás, é o que os craques de Nelson têm de mais genuinamente brasileiro nas suas composições. Na crônica “À Sombra dos Crioulões em Flor” Nelson exalta a destreza e a astúcia gnômica de Tostão quando marca um gol contra a Inglaterra do modo menos convencional:

Foi um assombro. Em pé, Tostão já é pequeno, pequeno e cabeçudo como um anão de Velasquez. Imaginem agora deitado. Os ingleses ficaram indignados e explico: _ um gol como o de Tostão desafia toda uma complexa e astuta experiência imperial (RODRIGUES, 1993, p. 150).

O estatuto literário do gênero crônica, somado à inventividade de Nelson, opera uma “desrealização do real” sem precedentes na literatura brasileira. Nele, para o recorte que nos interessa aqui, a representação dos espaços em que ocorrem as celebrações do futebol e a construção positiva da imagem do craque negro enquanto representação do “homem brasileiro” se dá a partir da combinação de imagens, metáforas e arquétipos emprestados, sobretudo, do teatro, do romanceiro popular e do carnaval, esta última, manifestação em que as inversões sociais e as hierarquias são abolidas apenas temporariamente, enquanto dura a festa. Aqui, instaura-se, então, um paradoxo: a construção de identidades feitas para durar e servir de modelo para o “homem brasileiro” se dá exatamente em um contexto onde coroamentos e destronamentos são uma constante; um espaço onde todas as glórias são transitórias.

Nas trinta e três crônicas selecionadas o apelo ao sobrenatural e a euforia do futebol vêm somar-se às imagens efêmeras do carnaval. Nelson relata que, durante as apoteóticas celebrações futebolísticas – e a partir desse momento da nossa pesquisa passaremos a refletir sobre a vitalidade do mito da democracia racial de Gilberto Freyre e a impossibilidade de se desenhar um modelo acabado para a identidade do brasileiro –, todas as hierarquias são abolidas e que, diante das fabulosas vitórias do escrete, todos se sentem igualmente brasileiros. Aqui, deparamo-nos inevitavelmente com o utópico. Por ocasião da conquista do bicampeonato, em 1962, Nelson relatava entusiasticamente que o time vitorioso, formado por “negros ornamentais, folclóricos, divinos”, tinha conseguido realizar três proezas: deslumbrar o mundo, superar o complexo de vira-latas e aproximar

democraticamente todos os brasileiros: “Súbito o brasileiro, do pé-rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, o brasileiro, dizia eu, assume uma dimensão inesperada e gigantesca.” (RODRIGUES, 1993, p. 92). Promovendo, como no carnaval, uma inversão temporária dos papéis sociais e, por conseguinte, das hierarquias: “O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. Somos 75 milhões de reis” (*idem*).

Mas, como no carnaval, no futebol o mesmo povo que coroa seu craque/herói também promove seu destronamento. Segundo Nelson, “No futebol, a apoteose está sempre a um milímetro da vaia”. Na crônica “O Grande Sol do Escrete”, a filosofia de palco e de arquibancada de Nelson é colocada em prática para retratar o episódio em que o rei Pelé, à guisa do rei bufão do carnaval medieval, é destronado por seus súditos após uma partida frustrada entre Brasil e Inglaterra:

Mas, como ia dizendo: _ vaiaram Pelé os noventa minutos. Posso dizer que influiu na vaia, além do mais, um certo cansaço, um certo tédio do mito. A multidão precisa destruir os mitos que promove. A partir de então, não só o homem de arquibancada, também os entendidos, também os técnicos, também os cronistas – começaram a meter a picareta na estátua de Pelé. Tem sido uma alegre demolição. (RODRIGUES, 1993, p. 73).

Por um lado, Nelson propõe um modelo de identidade para o “homem brasileiro” calcado na figura do negro que evolui em espaços onde as glórias são efêmeras e tudo ocorre de maneira muito transitória: o futebol e o carnaval. Por outro lado, tais imagens em constante transformação e, portanto, inacabadas, constituem-se uma espécie de síntese da discussão em torno da indefinida questão racial brasileira. No mais, ao construir uma imagem do negro, mas não só dele, com arquétipos emprestados do herói mítico, fabuloso, invencível e por isso mesmo, popular, Nelson consegue penetrar no inconsciente coletivo brasileiro, em que tais arquétipos vinham se sedimentando desde o início da formação do Brasil, promovendo, desse modo, a aceitação do mestiço e do mulato transmudado em herói, autor de “feitos coletivos”; viabilizando sua ascensão social e sua afirmação moral no imenso e indefinido amálgama de cores e culturas que compõem o Brasil. Pretendemos confirmar nossas hipóteses com base nas trinta e três crônicas selecionadas e, concomitantemente, responder as seguintes questões: que tipo de diálogo o cronista estabelece com as teorias sobre a democracia racial e quais os recursos estilísticos empregados na construção de uma imagem positiva do negro no espaço da crônica? Em que medida o processo de “desrealização do real”,

centrado no espetáculo do futebol e nas habilidades do craque brasileiro, interfere no processo de construção da identidade do brasileiro nos anos 50 e 60? De que maneira Nelson Rodrigues executa esse projeto de construção identitária para o brasileiro, apropriando-se de todos esses recursos, em suas crônicas escritas no período em questão?

PRORROGAÇÃO E PÊNALTIS - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse século XXI, o futebol tornou-se o fenômeno cultural mais difundido no mundo. Estima-se que mais de 140 milhões de jogadores, de 300 mil clubes, em 207 países, estejam filiados à FIFA profissionalmente. Como espectadores, não se sabe exatamente, mas, certamente, bilhões de pessoas ao redor do planeta o acompanham. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 393)

Assim, o futebol emerge como uma prática boa para pensar. Por canalizar com eficácia as esperanças e frustrações da sociedade, ele desperta emoção tão arrebatadora e adesão tão intensa que se destaca além de qualquer outra manifestação contemporânea. Ninguém pretende negar, entretanto, o aspecto que diz respeito ao futebol como fenômeno de massa, mas, é preciso compreender, definitivamente, que o futebol, sobretudo o praticado no século XX, período de enorme expansão e construção identitária, vai muito além disso. Trata-se de um “fenômeno cultural total” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 13)

No Brasil, como se sabe, o futebol encontrou o lugar perfeito para expandir-se e tornar-se um de seus maiores símbolos. Sendo o espaço possível para a inserção do negro e do mestiço numa sociedade com poucas chances de mobilidade, o futebol brasileiro pôde crescer e se popularizar democraticamente, levando, inclusive, para o campo de jogo, a bagagem cultural africana, contribuindo decisivamente para a elevação do status do Brasil à potencial mundial nesse esporte.

Por outro espectro, as crônicas, especialmente no caso brasileiro, se apresentaram, a partir do século XIX, como ferramenta valiosa para construir um imaginário coletivo, pois veio escrita por grandes escritores³², como Machado de Assis, só para citar um, em linguagem acessível, papel ordinário e de longo alcance. Essas crônicas se expandiram e se ampliaram no século XX também devido a essa identificação entre o gênero e a sociedade brasileira.

Nelson Rodrigues teve um papel essencial nesse processo, tanto no que diz respeito às crônicas sobre o cotidiano, ao rés-do-chão simplesmente, como, principalmente, nas crônicas escritas sobre futebol. Se alguns escritores usavam as crônicas como laboratório para romances, Nelson Rodrigues fez o inverso: utilizou o

³² No livro, Veneno Remédio, Wisnik propõe uma comparação: quem é melhor, Machado de Assis ou Pelé? (2008, p. 404)

drama como fonte de inspiração e arcabouço de um estilo para suas crônicas, inclusive futebolísticas. Além disso, carregou para as redações dos jornais para os quais escreveu toda sua ideologia conservadora e, diga-se de passagem, nacionalista.

Enquanto suas crônicas sobre a “vida real” eram permeadas por intenso pessimismo e descrença na natureza humana, as crônicas de futebol vinham carregadas de otimismo e esperança na redenção do povo brasileiro. Esse aspecto se acentuou a partir do acerto de contas histórico advindo com a conquista da Copa de 58, que teria finalmente vingado o trauma de 50. Operou-se, a partir desse *turning point*, segundo Nelson, a transformação do brasileiro, o que pôde de fato se verificar após sucessivas construções e conquistas no campo de jogo.

Arrematando: confirmou-se afinal a simbiose perfeita no universo brasileiro: futebol, crônicas e um autor singular.

Sempre polêmico, um dos alvos prediletos do cronista nesse âmbito das colunas esportivas era “os entendidos” os quais, segundo ele, atrapalhavam o projeto de um futebol brasileiro vencedor, com um estilo de jogo próprio e com a presença de todas as raças. A esquerda, outro alvo frequente de Nelson, era posta em segundo plano quando o assunto era a seleção nacional. Um exemplo disso é a exaltação de João Saldanha como técnico da Seleção. Sabidamente comunista e, portanto, do outro lado da trincheira ideológica de um país polarizado na ditadura militar, Nelson o via como alguém que poderia viabilizar o triunfo, a apoteose da seleção (neste caso representada pelas “feras do Saldanha”), e por consequência, do homem brasileiro. Para Nelson, nesse caso, não importava sua ideologia: acima de tudo o escrete!

A convivência com seu irmão Mario Filho e Gilberto Freyre teve também importância fundamental na construção do pensamento rodrigueano, sobretudo no futebol, espaço onde se fazia notar a presença de negros e mulatos, nas décadas de 50 e 60. Nesse espaço, a esta altura popular, Nelson encontra na “democracia racial” a teoria freyreana que pode ajudá-lo nessa tentativa de afirmação do negro no futebol e na sociedade brasileira; embora de forma contraditória nessas construções visto que, com a construção do negro, Nelson Rodrigues não utiliza imagens e símbolos provenientes da cultura africana mas europeia. Talvez, suas crônicas não tivessem tido a mesma repercussão se utilizasse tais símbolos, numa sociedade que rejeita até os tempos atuais, por exemplo, as religiões africanas.

A referência para Nelson, portanto, é a cultura europeia talvez pela ânsia em tentar igualar os feitos do futebol brasileiro, ainda em afirmação, ao europeu. Mas as referências, e aqui cabe citar, não são provenientes do futebol europeu o qual Nelson achava truculento e limitado, a busca por modelos provem das artes e de outros aspectos da cultura europeia. Nem Puskas, nem Di Stefano, era o brasileiro quem deveria se impor valorizando sua criatividade e fantasia e se colocando em estado de graça. (RODRIGUES, 1993, p. 52) Nelson era contra a “modernização do futebol brasileiro”. Uma modernização que visava impor-nos um estilo de jogo tipicamente europeu, para ele, o brasileiro deveria valorizar sua inventividade e propor um estilo de jogo próprio.

Para empreender essa construção do craque brasileiro e seus feitos coletivos, com um estilo peculiar e genuíno, Nelson ainda tenta propor uma nova identidade para o brasileiro. Com o uso de imagens, frases, metáforas e dramas, estes advindos do teatro, emerge a redenção do “nosso povo”, para ele tão humilde, sofrido e com complexo de inferioridade, transmutado em grande potência civilizatória. De certa forma, essas inversões de humildade em soberba, de fracassado a bem sucedido, de complexado a orgulhoso, são projetos que Nelson busca em seus textos, quando ocorre o êxito da Seleção Brasileira.

A vitória em copas do mundo passa a ser a vitória do povo brasileiro, o “triumfo do homem”. Nelson promove esse modelo vitorioso principalmente para o negro e o mestiço, permeado pelas ideias freyreanas, nesse espaço onde as glórias são efêmeras: o futebol. Curiosamente essa afirmação se dá numa tentativa de carnavalização da sociedade, a partir das conquistas, em outro espaço onde as glórias são transitórias, o do carnaval. Talvez Nelson “force a barra” buscando immortalizar esses feitos para que eles durem para sempre. Nelson empreende essa tentativa de eternização buscando sempre novos feitos, dribles e heróis no campo de jogo, mas também reafirmando feitos já consagrados instaurando no imaginário do brasileiro uma senda de conquistas advindas do futebol.

Ao construir a imagem vencedora desse herói, Nelson utiliza arquétipos emprestados do herói mítico, fabuloso, invencível, e por isso popular, conseguindo, dessa maneira, penetrar no inconsciente coletivo nacional, em que tais arquétipos já vinham se sedimentando desde o início da formação do Brasil e também, por que não (?), sob influência das crônicas. Com isso, há a promoção (e reafirmação dos feitos) desse mestiço transmutado em herói, autor de conquistas coletivas,

viabilizando assim sua ascensão social e moral na sociedade brasileira, numa tentativa de tornar bem sucedido o projeto de “democracia racial” freyreano.

Com tudo isso, o futebol se afirmou no Brasil, podemos dizer, de maneira ousada, como em nenhum outro lugar do mundo. Aqui, ele encontrou algumas condições peculiares como a exclusão de uma massa enorme de negros provenientes de um regime escravocrata numa sociedade patriarcal e estratificada. Esse terrível destino, ao mesmo tempo que agrediu, criou condições para que, no campo de jogo, todo esse lúdico, essa ginga proveniente da bagagem cultural africana, o chiste e a malandragem se tornassem protagonistas no que veio a se tornar uma marca registrada do estilo de jogo brasileiro.

A firula, o drible, a capoeira, práticas que emergem da condição imposta aos negros, passaram não só a ser aceitas, mas também exigidas, esperadas, a cada nova exibição, em estádios lotados de torcedores, de todas as classes, apinhados e esperando por um magnífico espetáculo. O drible não era mais uma firula desnecessária, mas parte integrante obrigatória de um repertório, quanto mais vasto melhor, de chistes e negaceios. Aliás, o fenômeno do drible sem objetividade, provém desse “se dar não se dando”, num “homo ludens” que não visa somente a vitória, mas, sobretudo, a diversão e a negação de um sistema que oprime e exige ordem, numa dialética entre a ordem e a desordem permanente.

Diante desse ponto, mas sem pretensões de elaborar uma tese sociológica, cabe acrescentar essa realidade movediça, citada por Antônio Candido em “Dialética da malandragem”, em que a acomodação que dissolve os extremos e cria uma terra de ninguém moral contribuiu para esse drible e fez com que essa unicidade cultural brasileira se confirmasse. Falemos aqui de um drible no sentido *lato*, que seria o drible tanto no sentido de enganar o *adversário*, como no sentido de enganar as *adversidades* impostas pelas condições severas de subsistência.

Assim, nesse caso, esse “mundo sem culpa”, aparece como vantagem visto que liberta de uma visão produtivista e apresenta a hipótese de um mundo mais aberto. Talvez, isso ajude a explicar o encanto, sobretudo dos europeus, com o estilo de jogo poético dos brasileiros que promove a libertação dessa lógica capitalista que visa sempre a eficiência fundada na equação primordial tempo x dinheiro, “devia ser proibido jogar tão bonito”, diziam os jornais ingleses (RODRIGUES, 1993, p. 184). Deste modo, esse contato entre opostos, se por um lado cria desordem, por outro leva a um não aburguesamento apoiado por esses

valores tecnocráticos, provenientes da ética protestante, típica das potências imperialistas, em que o lucro e a produtividade são a tônica, o que levou Jorge Autner à afirmação recente de que “ou o mundo se brasifica, ou vira nazista.” (apud WISNIK, 2008, 427), quer dizer, ou se liberta dessa visão, ou se transfigura em escravo desse sistema de produtividade obsessiva, analogamente ao futebol, um dilema entre o jogo bonito e o resultado somente.

Finalmente, é preciso compreender que, ao menos no caso brasileiro, o futebol (assim como a literatura) surge como *locus* imprescindível para entender (e debater) melhor as relações existentes nos porões de nossa história. Uma história que, frequentemente, é omitida ou esquecida para que não se tome consciência do passado e das origens de toda essa bagagem, uma imensa colcha de retalhos que forma o indefinido amálgama de cores e culturas que compõem o Brasil. Nelson Rodrigues, por meio de sua literatura, ainda que fortuitamente contraditório, foi fundamental nesse processo de construção e perpetuação de nossos craques, “assim na Terra como no céu”. No mais, por meio deles e de sua atuação em campo, Nelson pintou um quadro em preto e branco dando conta de traçar um perfil relativamente estável, do caráter e da identidade do povo brasileiro. Assim, embora a sua maneira, é inegável a importância de sua contribuição na construção do que veio a se tornar, ao longo da História, uma autêntica “pátria em chuteiras”.

PÓS-JOGO - EPÍLOGO

Carnaval na lua da cidade

Os dois meninos brincam numa superfície lunar. Um, branco como nata, o outro preto como caroço de abacate. Um, mora numa bela estação espacial com empregados de várias galáxias, o outro, vestido com trapos encontrados em alguma expedição. Vale reinventar a realidade para viver esse carnaval. Os dois, então, brincam todos os dias, no mesmo horário.

Jaime, por volta de 12 anos, nome de monarca inglês, parrudo, leva sua bola oficial da *Champions League* e um boneco do *Star Wars*. Eu nem sei bem o nome do brinquedo afinal não assisti aos novos filmes. O que era trilogia virou infinitologia. O que importa é seguir por gerações... Esses objetos nem chegaram às lojas mas o pai do menino, político importante na cidade, já trouxe de Miami.

Woshinton, uma tentativa de seus pais de o fazerem mais importante através do nome, leva a ginga, o tempero e um carrinho da Ferrari de controle remoto, mas que não funciona mais. Os dois brincam mas nem sempre: tudo depende de quais amigos acompanham Jaime. Mas, quando chega o momento do futebol, não tem erro, todos querem ficar no time do menino pobre.

O primeiro aparece depois da escola e o segundo depois de vender jujubas nos sinais de trânsito e faturar algumas *Dilmetas* para o jantar. Nessa lua não tem gravidade, até certo ponto todos são iguais. Até certo ponto... E a *pelada* corre solta pelo fim da tarde até a hora em que o motorista de Jaime aparece para levá-lo para casa.

Todos os dias, Woshinton dá show: ele já sabe que sua esperança é ser jogador. Faz a diferença com dribles, ginga, velocidade e, é claro, muitos gols. Ao final das partidas Jaime, filho único, decepcionado com mais uma derrota, compensa toda sua frustração numa competição material:

— Seu pai tem carro importado? Seu pai tem casa na praia? Seu pai tem quantos empregados? Quanto seu pai ganha?

E, ao final, arremata, com brilho nos olhos, a certeza obtusa de que dará a última palavra e irá para casa com o peito estufado:

— O que seu pai faz da vida?

E Woshinton, com um sorriso branco e reluzente, da cor de Jaime, tira uma foto de jornal amassada do bolso (a mesma lá do início) e arremata de prima, quase

num voleio:

— Ué! Conserta os pneus dos carros que caem nos buracos das ruas que seu pai não cuida!

P.S.I: Humildemente peço licença à Origenes Lessa, grande cronista paulista, que escreveu a crônica (irretocável) O mal entendido. A ele devo essa inspiração.

P.S.II: Crônica publicada no site Marília Global, 05 de fevereiro de 2016.

FICHA TÉCNICA DO JOGO – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Joselia. Um gênio do ensaio. **Pesquisa FAPESP**, n. 173, São Paulo, julho de 2010.

ALVITO, Marcos. Nelson Rodrigues: nem santo, nem canalha. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 223-226.

ANDREWS, George Reid. Democracia Racial Brasileira 1900-1990: Um Contraponto Americano. **Estudos Avançados**. Trad. Vera de Paula Assis, vol. 11, n. 30, mai. / ago. 1997, p. 95-115.

ANTUNES, Fátima M. R. F. **Com Brasileiro Não Há Quem Possa**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.

ARRIGUCCI, Davi. **Enigma e comentário**. Ensaios sobre Literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BADIOU, Alain. **O século**. E-book: Ideias e Letras, 2007.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: O contexto de François Rabelais. Trad. Yara F. Vieira, São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002.

BARRETO, Lima. **Crônicas de Lima Barreto sobre o Futebol**. E-book: Kindle Edition.

BARROS, Leandro Gomes de. **As cousas mudadas / História de João da Cruz**. Recife: Tip. Moderna, s. d.

BARTHES, Roland et. al. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto, Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Média**. Europa 1500-1800. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica**: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

_____. De cortiço a cortiço. **Novos Estudos Cebrap**, n. 30, São Paulo: CEBRAP, julho 1991, p. 111-129.

_____. Dialética da malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89.

_____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 3.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1973.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman, 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CASTRO, Rui. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Estrela solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COSTA, Márcia R. da et al. **Futebol**: espetáculo do século. São Paulo: Musa, 1999.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, brasil?** E-book: Rocco Digital, 2011.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**. E-book: Rocco Digital, 2012.

DEL PICCHIA, Menotti. Crônica Social: Por que sou Jeca Tatu. **Correio Paulistano**, n. 20362, 10 de março de 1920, p. 3.

_____. Da Estética. Somos Plagiários? **Correio Paulistano**, n. 20391, 10 de abril de 1920, p. 1.

DIAS, Ângela Maria. Nelson Rodrigues e o Rio de Janeiro: memórias de um passionai. **Revista ALEA**, volume 7, junho de 2005. Rio de Janeiro UFRJ

DIMAS, Antônio. Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo? **Littera**: revista para professor de Português e de literaturas de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **O super-homem de massa**: Retórica e ideologia no romance popular. Trad. Pérola de Carvalho, São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Sobre a literatura**. Trad. Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2003.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli, 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ELIAS, N.; DUNNING E. **Deporte y Ocio em el Proceso de la civilizacion**. México: Fondo de Cultura Economica, 1992.

FACINA, Adriana. **Santos e canalhas**: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**. Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. São Paulo: L&pm, 2010.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GIANNETTI, E. **Vícios privados, benefícios públicos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

GLEDSON, John; GRANJA, Lúcia. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Notas semanais**. Org., int. e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

GUSMÃO, Henrique Buarque de. Nelson Rodrigues leitor de Gilberto Freyre: o projeto teatral rodriguesano em aliança com a Sociologia freyreana. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 89-112, jan./abr. 2008.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos extremos: o breve século XX**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. **O homem cordial**. E-book: Penguin-Companhia, 2012.

HORNBY, Nick. **Febre de bola**. Trad. Paulo Reis, Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: O jogo como elemento da cultura**. Trad. João Paulo Monteiro, São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1971.

IGNATTI SILVA, Ângela. **A cosmovisão dramática nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues**, 2004 (pdf).

JARVIE, G. Sport, social change and the public intellectual. **International Review for the Sociology of Sport**, London, v. 42, n. 4, p. 411-425, 2007.

JARVIE, G. THORNTON, James. **Sport, culture and society**. London: Routledge, 2012.

JENNINGS, A. **Foul! The secret world of FIFA: Bribes, vote rigging and ticket scandals**. London: Harpersport, 2006.

JUDT, T. Pós-Guerra: **Uma história da Europa desde 1945**. E-book: Objetiva, 2011.

KAYSER, W. **Análise e interpretação da obra literária**. Trad. Paulo Quintela. Coimbra: A. Amado, 1963.

LEITE, Dante M. **O caráter nacional brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Trad. Tânia Pellegrini, 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955.

LUCENA, R. de F. **O esporte na cidade**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MAGALDI, Sábato. **Nelson Rodrigues**: dramaturgia e encenações. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1987.

_____. **Teatro completo de Nelson Rodrigues**. 3. Tragédias cariocas I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MACHADO, António de Alcântara. **Novelas Paulistas**: Brás, Bexiga, e Barra Funda. São Paulo: José Olympio, 1961.

_____. **Relações Exteriores**. In: Cavaquinho e saxofone, Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p. 68.

MARQUES, Francisco C. A. **Um pau com formigas ou o mundo às avessas**. A sátira na poesia poupar de Leandro Gomes de Barros. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2014.

MELETÍNSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. Trad. Aurora F. Bernardini et al., 2. ed. Cotia, SP: Ateliê, 2002.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a crônica. In: _____ et al. **A crônica. O gênero e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MORENO A. Corpo e práticas corporais nas crônicas de Machado de Assis. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 1, 1999, p. 1293-1294.

MURAD, M. **Dos pés à cabeça** – Elementos básicos de Sociologia no Futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**: Representações do brasileiro – 1870/1920. São Paulo: Annablume / Fapesp, 1998.

NEVES, Margarida de Souza. **História da crônica**. Crônica da História. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PASOLINI, Pier Paolo. Il calcio è un linguaggio con i suoi poeti e prosatori. In: _____. **Saggi sulla letteratura e sull'arte**. Milão: Mondadori, 1999.

_____. **Ragazzi di vita**. Milão: Garzanti, 1955.

PIGNATARI. Décio. Flama não se apaga. **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

PRADO, D. de A. **Tempo (e espaço) no futebol**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Nelson Rodrigues e João Saldanha**: A crônica e o

futebol. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

REGO, José Lins do. **Flamengo é puro amor**: 111 crônicas escolhidas/ José Lins do Rego; Seleção, Introdução, Atualização ortográfica e notas de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio. 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Sidarta. À espera das uvas suecas. **Revista Mente & Cérebro**, 3 de janeiro de 2008, p. 25.

RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **O reacionário**. Memórias e confissões. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Flor de obsessão**: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Somos o Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014a.

_____. **A pátria em chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014b.

RODRIGUES, Sérgio. **O drible**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: _____. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo/Campinas: Perspectiva/Edusp/UNICAMP, 1993.

ROSENFELD, Anatol H. **Das Fußballspiel in Brasilien**, n. 4, 1956.

RUTHVEN, K. K. **O mito**. Trad. Esther de BeerMann, São Paulo: Perspectiva, 1997.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1985 (Série Princípios).

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões especiais e criação cultural na Primeira República. 2. Ed. rev e ampl. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

SERELLE, Marcio. Sujeito e vida midiaticizada: considerações sobre a ficção de Nick Hornby. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, vol. 1, n. 38, 2009.

SILVEIRA, João Pedro. **O calcio Fiorentino** (em pdf).

SOARES, A. J. Futebol Brasileiro e Sociedade: a Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre. **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SOUZA, Jessé. A sociologia dual de roberto da matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 16, n. 45.

TRAJANO, José. **Tijucamérica, uma chanchada fantasmagórica**. São Paulo: Editora Scharwcz, 2015.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: O futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

YALLOP, David. **Como Eles Roubaram o Jogo**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Acessos Web:

ALVES, Edônio. A letra e a bola: futebol e literatura no Brasil (PDF). Disponível em: <https://historiadesporte.wordpress.com/2009/07/27/a-letra-e-a-bola-futebol-e-literatura-no-brasil/> Acesso em 23/01/2017

BABEL CULTURAL: Mal Entendido – Orígenes Lessa, 2015. Disponível em: <http://www.babelcultural.com/mal-entendido-origenes-lessa/>. Acesso 23 de abril 2017

DIAS, Maurício Santana. O Gol Fatal, tradução para a Folha (PDF). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0603200506.htm> Acesso em 23/01/2017

FERNANDO MORGADO: Oduvaldo Cozzi: mestre do esporte no radio e na TV, 2008. Disponível em: <http://fernandomorgado.com.br/artigo/oduvaldo-cozzi-mestredo-esporte-no-radio-e-na-tv>. Acesso 5 de maio de 2017

FOLHA DE SÃO PAULO: Prefeito do Rio vira o pé-frio da torcida, 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj1804201008.htm>. Acesso em: 2 de dezembro de 2016.

FLUSSER, Vilém, Fenomenologia do brasileiro. Trad. Gustavo Bernardo. Rio de Janeiro: Ufrj, 2008. Disponível em: http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vilem_Flusser_-_Fenomenologia_do_brasileiro.pdf. Acesso em: 1 junho de 2017.

HELENA, Raimundo Santa. Brasil campeão do mundo. Rio de Janeiro: s. n, 1983. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb2&pagfis=40042>. Acesso em: 25 de abril de 2017

HELENA, Raimundo Santa. Brasil tetra campeão em 86. Rio de Janeiro: s.n, 1982. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb2&pagfis=40042>. Acesso em: 25 de abril de 2017

HISTÓRIA DO RADIO: Vozes que Irradiavam Futebol no Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://aeradoradioteatro.blogspot.com.br/2014/05/vozes-que-irradiavam-futebol-no-rio-de.html>. Acesso 03 maio de 2017

JARVIE, G. How can I pay my bills? the real sadness behind the administration of

Glasgow Rangers Football Club. Glasgow: Jimmy Reid Foundation, 15 de Fevereiro, 2012. Disponível em: <<http://reidfoundation.org/2012/02/how-can-i-pay-my-bills-the-real-sadness-behind-the-administration-of-glasgow-rangers-football-club/#respond>>. Acesso: 5 de janeiro de 2016.

LITERATURA NA ARQUIBANCADA: Jogadas do craque Fernando Sabino, 2012. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/01/jogadas-do-craque-fernando-sabino.html>>. Acesso em 23 de abril 2017

MOLTENI, Angela. Pasolini i il gioco del calcio. Disponível em: <http://www.pasolini.net/saggistica_ppp-e-il-calcioAM.htm>. Acesso em: 15 fev. 2006.

SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL: Brasil jamais perdeu com Garrincha e Pelé, 2016. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/todas/xxx-10#.WWu6-P_yvog>. Acesso em: 24 de novembro de 2016

SOARES, A. J. Copa de 50: uma pedagogia contra o racismo. In: XXVI Encontro anual da ANPOCS, São Paulo, v. 26, p. 1-15, 2002. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/25026707-Copa-de-50-uma-pedagogia-anti-racismo-antonio-jorge-soares-pggef-universidade-gama-filho-ugf-grupo-de-cultura-e-esporte-cnpq.html>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2017.

<<http://www.foxsports.com.br/news/242357-revelacao-do-manchester-united-recebera-super-aumento-salarial-apos-gols-decisivos>>. Acesso em: 22 de março de 2016.

<<http://www.gazetaesportiva.com/campeonato-eurocopa/heroi-do-united-rashford-ja-e-acompanhado-pelo-tecnico-da-inglaterra/>> Acesso em: 22 de Março de 2016

<<http://oglobo.globo.com/esportes/copa-de-1950-inesperado-fim-de-festa-12544912>>. Acesso em 23 de janeiro de 2017.

<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/SegundoGoverno/QuestaoRacial>>. Acesso em 23 de Janeiro de 2017.

<<https://cronicasdepicnic.wordpress.com/2012/06/26/un-gol-en-un-supermercado/>>. Acesso 24 de Janeiro de 2017

<<https://www.youtube.com/watch?v=1UVZk1RJJJw>>. Acesso em: 7 de julho de 2017.

<<https://www.youtube.com/watch?v=Zddcu5ffR58>>. Acesso em: 7 de julho de 2017.

Crédito das gravuras:

ACERJ: Maracanazo, o Inimigo Morava ao Lado, ano 2015: Disponível em: <<http://www.acerj.com.br/maracanazo-o-inimigo-morava-ao-lado/>>. Acesso em: 3 de dezembro de 2016.

ACERVO DA BOLA: Maracanazo. Disponível em:
<<http://www.acervodabola.com.br/brasil-1x2-uruguai-maracanazo/>>. Acesso em 5 de maio de 2017

ACERVO ESTADÃO: O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 06 de julho de 1954 – PAG.12. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19540706-24282-nac-0012-999-12-not>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016

ACERVO O GLOBO: Multidão recebe nas ruas do Rio, em julho de 1958, os heróis da Copa do Mundo, ano 2014. Disponível em:
<<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/multidao-recebe-nas-ruas-do-rio-em-julho-de-1958-os-herois-da-copa-do-mundo-11947325>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2016

ACERVO O GLOBO: No tempo do futebol, Brasil perde a Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai, ano 2017. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/no-tempo-do-futebol-brasil-perde-copa-do-mundo-de-1950-para-uruguai-8891317>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2016.

ACERVO O GLOBO: Seleção é festejada por multidão nas ruas e presidentes nos 5 Mundiais do Brasil, ano 2015. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/selecao-festejada-por-multidao-nas-ruas-presidentes-nos-5-mundiais-do-brasil-13264670>>. Acesso em 2 de dezembro de 2016.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL: Diário de Pernambuco, edição de 17 de junho de 1938. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/pdf/029033/per029033_1938_00143.pdf>. Acesso em: 25 maio de 2017.

HEALTH AND FITNESS HISTORY: Calcio Fiorentino (Renaissance Soccer). Disponível em: <<http://healthandfitnesshistory.com/ancient-sports/calcio-fiorentino/>>. Acesso em: 2 de maio de 2017.

FALANDO DE TEOLOGIA E HISTÓRIA: Propaganda política do governo Médici, ano 2012. Disponível em:
<<http://falandodeteologiaehistoria.blogspot.com.br/2012/01/propaganda-politica-do-governo-medici.html>>. Acesso em 25 de maio de 2017.

JORNALHEIROS: História – Brasil X União Soviética, ano 2012. Disponível em:
<<http://jornalheiros.blogspot.com.br/2012/01/historia-brasil-x-uniao-sovietica.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

LUIZ BERTO: Correspondência recebida (Cícero Cavalcanti), ano 2015. Disponível em: <<http://www.luizberto.com/correspondencia-recebida/cicero-cavalcanti-goiania-go-6>>. Acesso em: 25 de maio de 2017

O GLOBO: Relembre o 'Grande resenha Facit', primeira mesa-redonda da TV, de 1963, ano 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/relembre-grande-resenha-facit-primeira-mesa-redonda-da-tv-de-1963-12752794>>. Acesso em 3 de dezembro de 2016.

PROFESSOR SERGIO: Seleção Brasileira: Copa de 1958 - Campeã! Disponível em:

<<http://teachersergio.no.comunidades.net/selecao-brasileira-copa-de-1958-campea>>. Acesso em: 3 de dezembro de 2016

PROJETO CORDEL: O Futebol no Sertão, ano 2009. Disponível em: <http://www.projetocordel.com.br/valentim_quaresma/futebol_no_sertao.htm>. Acesso em 02 maio de 2017.

RESISTÊNCIA EM ARQUIVO: Ufanismo e milagre econômico em tempos de chumbo, ano 2014. Disponível em: <<https://resistenciaemarquivo.wordpress.com/tag/brasil-ame-o-ou-deixe-o/>>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

REVISTA ESCUTA: Domadores de Emoções? Qual o lugar dos técnicos no futebol brasileiro?, ano 2016. Disponível em: <<https://revistaescuta.wordpress.com/2016/06/23/domadores-de-emocoes-qual-o-lugar-dos-tecnicos-no-futebol-brasileiro/>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL: Brasil jamais perdeu com Garrincha e Pelé, ano 2016. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/todas/xxx-10#.WWu6-P_yvog>. Acesso em: 24 de novembro de 2016.

TRIVELA UOL: Garrincha, 80 anos: 7 histórias incríveis da Alegria do Povo, ano 2013. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/sete-historias-de-garrincha/>>. Acesso em 4 junho de 2017.